

39º Encontro Anual da ANPOCS

GT26 - O Pensamento Social Latino-americano:
Legado e Desafios Contemporâneos

O marxismo renovado de Jorge Veraza e a transição
ao socialismo no século XXI

Carlos Alberto Serrano Ferreira

2015

O marxismo renovado de Jorge Veraza e a transição ao socialismo no século XXI

Carlos Alberto Serrano Ferreira¹

Introdução

O objetivo deste artigo é, antes de mais nada, apresentar aos pesquisadores brasileiros as amplas reflexões de um dos mais prolíficos e criativos intelectuais marxistas latino-americanos, o mexicano Jorge Veraza Urtuzuástegui. Desafortunadamente ele é desconhecido no Brasil. Na verdade, isto nada tem que ver com fortuna, pois ao contrário da deusa romana que distribuía aleatoriamente dissabores e alegrias², este é o resultado do desenvolvimento do pensamento social brasileiro, sempre com os olhos voltados ao norte do Rio Grande, dos Pireneus ou postos na velha Albion.

Mas, também é uma objetivo promover, a partir do encontro com outros conceitos não trabalhados por ele, como o de Revolução Científico-Técnica (RCT), tirar ilações de sua obra que são fulcrais para o entendimento dos atuais limites do capital, da queda do “socialismo real” e do futuro do socialismo no século XXI.

Por fim, alertamos que as conclusões que expressamos abaixo, e a leitura feita sobre Jorge Veraza, serão os nossos pontos de vista, a nossa leitura particular, e não devem, obviamente, comprometer de forma alguma o próprio Veraza. A leitura deste artigo não substitui, de forma alguma, o contato direto com seus textos. O que fizemos foi construir uma seleção, um discurso próprio a partir da análise de Veraza. O que houver de erros é nossa responsabilidade. Os acertos são, ao menos, compartilhados com ele, senão totalmente dele.

¹ Doutorando em Ciências Sociais, na especialidade de Ciência Política, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa. É vice-coordenador do Laboratório de Estudos sobre Hegemonia e Contra-Hegemonia (LEHC-UFRJ) e professor substituto no departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² A deusa romana Fortuna personificava a sorte, o destino e o azar. Seu nome original *Vertumna*, “a que faz girar” (AIGNER-FORESTI et al., 1993), parece explicar a utilização por Cícero da imagem da Roda da Fortuna (*fortunae rotam*), que ciclicamente traz os altos e baixos da vida.

Sobre o autor

Veraza é economista, mestre e doutor em Estudos Latino-americanos pela Universidade Nacional Autónoma de México (UNAM). Nesta foi professor do Seminário *d'O Capital*, de Marx, entre 1976 e 1984, sendo coordenador do mesmo nos quatro anos finais. Foi professor de Ciência Política entre 1984 e 1986, e desde esse ano é professor da carreira de psicologia social, na Universidade Autónoma Metropolitana em Iztapalapa (UAM Iztapalapa)³. Diferentemente do Brasil, teve já sua produção reconhecida na América Espanhola, tendo sido galardoado em 2012 com o Premio Libertador al Pensamiento Critico 2011, na sua sétima edição⁴, pelo livro *Del Reencuentro de Marx con América Latina en la época de la Degradación Civilizatoria Mundial*, publicado pela Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia⁵.

Por que ler Veraza?

Entre tantos pensadores marxistas, por que se deve ler Veraza? Não por ter uma resposta completa ou uma explicação total sobre a realidade atual, pois obviamente, ele como ninguém não a possui. Sua obra possui mesmo grandes limites, estabelecidos, por exemplo, por sua rejeição ao pensamento de Louis Althusser e sua aproximação à György Lukács⁶. Nem o mais criativo dos seres está isolado dos preconceitos, como o que se abateu contra Althusser um pouco por todos os lados, em geral baseado em críticas que não se referem de fato à substância do pensamento do filósofo francês, mas

³ Informações extraídas de sua página na internet (<http://biografiajorgeveraza.blogspot.com.br/2008/05/biografia.html>).

⁴ Este é o maior prêmio em língua castelhana oferecido na área de Ciências Sociais. Foi criado pelo presidente Hugo Chávez em 2005, com vistas a reconhecer e estimular o pensamento crítico de autores latino-americanos. Ao vencedor é conferido além de um troféu e a publicação de sua obra pelo Ministério da Cultura de Venezuela, um valor de 150 mil dólares. Já foram premiados, entre outros, Franz Hinkelammert, Itsván Mészáros, Enrique Dussel e Atilio Borón.

⁵ Às referências ao livro serão feitas remetendo para a edição de 2012, do Ministerio del Poder Popular para la Cultura de Venezuela.

⁶ Em sua pequena nota biográfica on-line citada na nota 3, ele afirma que “intenta una interpretación rigurosa de la obra de Marx, teniendo como contra ejemplo la interpretación de Louis Althusser, y como ejemplos la de Adolfo Sánchez Vásquez, Jorge Juanes, Bolívar Echeverría, Georg Lukács, Karl Korsch, así como la de Jindrich Zeleny, Ernest Bloch y Roman Rosdolsky”.

à releituras apressuradas e descuidadas⁷. Nem mesmo pode escapar das modas intelectuais, como o resgate de Lukács, não o interessante *História e Consciência de Classes*, mas o antimarxista *Para uma Ontologia do Ser Social*. Obra que faz marcha à ré ao processo evolutivo de Marx, diluindo-o num jovem hegeliano de esquerda e colocando no centro de seu pensamento a perigosa noção de uma ontologia humana fundada no trabalho, que se verá à frente, está intrinsecamente, ainda que de forma inconsciente, presente nalgumas das piores tragédias do século XX, como a caricatura bizarra de Pol Pot e seu sinistro Khmer Rouge.

É preciso ler Veraza pelo o que tem de inovador, ou melhor, renovador do marxismo. Seu projeto de retornar aos próprios fundadores dessa corrente, relendo Karl Marx e Friedrich Engels, não é, verdadeiramente, algo novo. Muitos retornos aos dois foram tentados. Contudo, com a radicalidade e ousadia de Veraza, libertando-se de mais de um século de reinterpretações e exegeses acumuladas, aí sim é uma novidade.

Por onde começar a ler Veraza?

Como sugestão de leitura inicial, pois fornece uma visão panorâmica de duas décadas de sua obra, é a antologia que lhe valeu o Prêmio Libertador. Ela é antológica. Por várias razões é difícil escapar deste jogo de palavras. O primeiro motivo para que se possa nominar este livro desta forma é pela sua capacidade de, costurando com excertos de obras de Veraza entre os anos de 1999 e 2011, construir um grande painel de seu pensamento. Ela consegue ser representativa de um período ainda maior, que abarca toda a produção do autor, nessas já mais de três décadas. É um modelo de como deveriam ser as antologias: permite ao que toma contato pela primeira vez com este profícuo pensamento o entendimento global de sua linha de raciocínio. Seu principal conceito, o de *subsunción real del consumo bajo el capital* – criado em 1976 como crítica a Georges Bataille – serve como linha-mestra a ligar suas reflexões em busca de uma análise profunda do capitalismo mundial contemporâneo. Este objetivo é o que

⁷ Ao leitor que deseja ter acesso a uma excelente introdução ao pensamento de Louis Althusser, livre de preconceitos e de alta qualidade, sugiro o livro de Luiz Eduardo Motta, *A favor de Althusser: revolução e ruptura na teoria marxista*, lançado em 2014 e que supre uma lacuna histórica na bibliografia da área no Brasil, e é livro obrigatório nas estantes de todos os marxistas brasileiros.

torna o próprio título do mesmo, que também nomeia a quarta parte, um apequenamento das possibilidades interpretativas esboçadas no mesmo, que estão bem além de um reencontro de Marx com a América Latina, pois apontam para um reencontro do marxismo – ou pelo menos, da maioria dos marxistas – com Marx. Isto se expressa na já referida busca de Veraza por repensar o marxismo diretamente nas reflexões de seus fundadores Karl Marx e Friedrich Engels, para além da releitura construída a partir das teorias do imperialismo que emergiram no princípio do século XX como interpretação hegemônica.

Um autor “antiimperialista”

Este é exatamente um dos pontos mais altos de sua reflexão: sua crítica às teorias do imperialismo de autores como Rosa Luxemburgo e Vladimir Lênin⁸. Ele é um autor antiimperialista, não por somente por suas posições políticas, mas por sua oposição teórica ao conceito de imperialismo disseminado. Neste processo ele busca clarificar a teoria do imperialismo marxista não em suas versões posteriores, mas em Marx e Engels. Desta forma, recupera a teoria do desenvolvimento do capitalismo proposta pelos mesmos e que, muito longe de estar desatualizada, como implicitamente colocam as teorias do imperialismo ao introduzir uma concepção de ruptura no sistema entre uma fase liberal concorrencial e uma imperialista, é cada vez mais atual.

Essa concepção de ruptura está mais próxima da “ideología democrático-burguesa de John Atkinson Hobson, autor de *El imperialismo. Un estudio (1905)*” do que do pensamento marxista, pois “disocia el imperialismo respecto del capitalismo – como se pudiera haber un modo de producción específicamente capitalista, un capitalismo desarrollado, sin imperialismo” (VERAZA, 2012, p.124). Ela confunde a maturidade do

⁸ Há enormes diferenças e uma longa história sobre as leituras realizadas em torno ao imperialismo, debate candente no fim do século XIX e início do XX, desde a primeira obra sistemática sobre o tema do não-marxista John A. Hobson, *Imperialism — A Study*, passando pela primeira obra marxista sobre o tema *Finance Capital*, de Rudolf Hilferding, pelas elaborações do “renegado” Karl Kaustky e seu ultra-imperialismo, pelas teses apocalípticas luxemburguistas de *A Acumulação do Capital*, por Bukhárin e seu *Imperialismo e a Economia Mundial* e desaguando na versão aceita como ortodoxia, de Vladimir Lênin em *O Imperialismo, fase superior do capitalismo*.

capitalismo com sua fase terminal. Deve ser claro a qualquer um que a maturidade é a ante-sala da decadência, mas não é esta em si, como um indivíduo de 40 anos não é igual a um de 80. O imperialismo, mais do que representar a decadência terminal do capitalismo, representa tão só o capitalismo desenvolvido sobre suas bases materiais próprias. Não o fim, mas o auge em expansão, abarcando o mundo, dominando-o, inclusive submetendo o pensamento marxista aos limites do capital. Veraza, com franqueza e acurácia, afirma que “las teorías del imperialismo son un objeto o valor de uso cultural cuya estructura se encuentra sometida al capital, es decir, un exponente cultural de la subordinación real del consumo al capital” (VERAZA, 2012, p.125). Mais do que isso, são produtos do “*antimarxismo espontáneo posterior* a Marx e introyectado en las filas marxistas” (VERAZA, 2012, p.439).

Essas teorias passam-se como o desenvolvimento da crítica da economia política e do materialismo histórico, mas são o seu contrário, desenvolvidas “para justificar el olvido de las condiciones materiales de posibilidad de la revolución comunista” (VERAZA, 2012, p.125). A profunda revolução social soviética não podia ser ainda uma revolução socialista, não só pelos limites das forças produtivas locais, como afirmavam os mencheviques, mas porque o capitalismo ainda não estava desenvolvido em sua plenitude e em escala mundial. As teorias do imperialismo foram a resolução ideológica da contradição real, para tornar idealmente possível uma transição ao socialismo em momento ainda materialmente inviável. Isto não anula, contudo, que esta traga elementos importantes, mas apenas que devem ser colocados de forma subalterna dentro da teoria do desenvolvimento capitalista desenvolvida por Marx e de sua teoria do imperialismo implícita e constitutiva.

Um elemento de fundo, que colaborou deveras para o desenvolvimento das teorias do imperialismo e, em consequência, da teoria da crise geral do capitalismo, será o período compreendido entre as duas guerras, que o pensador mexicano ressalta como o período de afirmação econômica e política do capital social mundialmente, através da hegemonia estadunidense. Note-se, no entanto, que Veraza reconhece o caráter honesto de Lênin, mesmo que equivocado em suas elaborações, ao afirmar que este “trabajó para esclarecer científica y críticamente una práctica revolucionaria y de frente a los militantes de su partido, a los intelectuales y dirigentes de izquierda de

otros partidos y a las masas revolucionarias” (VERAZA, 2012, p. 439). Que este gigante do marxismo tenha se equivocado só prova o peso da materialidade histórica sobre a produção intelectual, mesmo sobre um gênio e líder insuperável. É só mais um exemplo prático da verdade fundamental do materialismo histórico.

O surgimento da teoria do imperialismo é um alerta permanente para a necessidade de análises rigorosas que não confundam crises específicas – conjunturais – com crises estruturais do capitalismo. Isto é recorrente em análises sobre conjunturas políticas nacionais, onde qualquer crise política entre poderes de uma república é considerada uma crise de regime, e onde uma crise de regime é considerada uma crise pré-revolucionária, e uma crise pré-revolucionária é já uma revolução em ascenso... A crise que se processou entre as duas grandes guerras eram de natureza distinta que uma crise sistêmica do capitalismo – apesar de que sua gravidade abriu fissuras imensas em muitos países e permitiu grandes processos revolucionários – mais relacionada a um caos sistêmico do sistema interestatal, o interregno sangrento entre a hegemonia britânica e a hegemonia estadunidense (ARRIGHI, 1996; MARTINS, 2011).

A URSS como ‘simulacro epocal’

O melhor do pensamento de Jorge Veraza está precisamente em sua contraposição às modas intelectuais, como o pós-modernismo e as teses triunfalistas capitalistas neoliberais que pretenderam, diversas vezes nas últimas três décadas, promover um enterro de um cada vez mais vivo e necessário Marx. Tece duras críticas mostrando suas origens e funções enquanto resposta ao que ele chama de ‘primeira crise mundial capitalista autêntica (1971-1982)’, estando estas correntes intelectuais e políticas inscritas num movimento do capital de “contrarresto general a la caída tendencial de la tasa de ganancia mundial [que] abre toda una época que se llama neoliberalismo y posmodernidad (1982-2000)” (VERAZA, 2012, p.77).

Contudo, é ainda mais profundo quando contraria formulações quase consensuais num amplo espectro de esquerda, inclusive entre setores antagonistas como stalinistas e trotskistas, como o caráter socialista do chamado “campo socialista” que emergiu após a Segunda Guerra Mundial (rompendo o isolamento da URSS e da

Mongólia⁹). Tem a coragem de deslindar o que ele denomina de “simulacro epocal”, afirmando que em 1991 “caería la máscara de pseudosocialismo de la URSS de modo manifiesto que en todos los países del planeta predominaba el modo de producción capitalista específico, esto es, fundado en la maquinaria y la gran industria” (VERAZA, 2012, p.79).

Ao incluir o desenvolvimento da URSS e das economias que seguiram o seu modelo de desenvolvimento nos marcos de um processo de desenvolvimento capitalista, ainda que especial, pôde localizar o verdadeiro resultado deste e inclusive apontar para as causas de seu esgotamento, não por incapacidade do mesmo, mas por cumprir ao máximo seus objetivos:

En efecto, el desarrollo capitalista oriental (Europa y Asia) debía quitarse de encima mediante una revolución (1917) los monopolios capitalistas occidentales que atentaban contra su acumulación de capital sobre todo desde fines del siglo XIX. Además, el desarrollo capitalista oriental sólo era posible si se lo planificaba económicamente para remover los obstáculos generados por la irracionalidad del propio desarrollo capitalista. De tal manera, la heterogeneidad del desarrollo capitalista entre Occidente y Oriente debía ser deslindada para propiciar el desarrollo capitalista global, sobre todo para promover el desarrollo capitalista oriental parasitado por Occidente, pero también para que el atraso oriental no presionara sobre el nivel de vida de las masas occidentales y provocara conflictos políticos ingobernables. Pero una vez alcanzada en Oriente una medida de desarrollo capitalista lo suficiente grande cercana a la Occidental el muro divisorio (físico, político y cultural) entre ambas as regiones podía y debía ser derribado (VERAZA, 2012, p.68).

Deve ficar claro que não se pode interpretar este trecho como se os processos revolucionários ocorridos no Leste tenham ocorrido por vontade do Capital, mas sim que seus efeitos e sua forma foram ajustados e subsumidos às necessidades deste posteriormente. De certa forma, Veraza presta uma homenagem com sua elaboração e ao referir-se algumas vezes ao injustamente esquecido Bruno Rizzi. Este italiano, já em 1939 com o seu *A burocratização do Mundo* denunciava não só o caráter não-socialista da URSS, mas a apontava como parte de um processo maior que ele ainda não podia

⁹ Curiosamente, a Revolução Comunista de 1924 na Mongólia é esquecida em geral. A maioria dos livros de história aponta o isolamento da URSS até o fim da Segunda Guerra Mundial e deixa de lado o processo mongol, relegando à obscuridade figuras como Peljidiin Genden e Ölziin Badrakh.

naquele momento divisar corretamente, e por isso não pôde localizar com a clareza com que Veraza posteriormente o fez. Contudo, mesmo dentro dos limites de sua época, suas elaborações tocaram num ponto tão nevrálgico que lhe levou a ser hostilizado tanto por stalinistas quanto por trotskistas. Seu livro, publicado às portas da Segunda Guerra Mundial, apontava para o surgimento de uma sociedade intermediária entre o capitalismo e o socialismo, um reino da pequena burguesia, de uma nova classe exploradora que explorava conjuntamente a partir da propriedade nacionalizada. Há claras diferenças entre os dois, pois Rizzi aponta algo para além de um capitalismo de Estado e Veraza uma forma específica de capitalismo, não para além do mesmo, mesmo que aquém do socialismo, como no caso do primeiro. Contudo, é possível ver na caracterização de Veraza de simulacro epocal um eco de Rizzi e de sua denúncia da mistificação:

A Revolução russa encontrava-se numa encruzilhada: ou vegetar na expectativa da revolução proletária do Ocidente da Europa, ou então harmonizar-se com o mundo exterior e mudar, por consequência, de política interna. Acabou por ser escolhida a segunda solução; Estaline dela foi, primeiro, o inspirador, e depois, o executor impiedoso. Naturalmente, uma mudança tão radical de política tinha de ser escondida, pelo menos ao nível das aparências, tanto ao proletariado russo, como ao proletariado das outras nações. [...] O proletariado russo e o proletariado das outras nações suportaram também esta enorme mistificação, vendo-se-lhes muito poucos sinais de cólera contra os seus chefes, uns verdadeiros traidores. Dir-se-ia que estes proletariados se habituaram à mistificação, e até nela se calejaram. (RIZZI, 1983, p.24-25)

Forças produtivas técnicas e forças procriativas

As críticas de Veraza à natureza dos Estados que se auto-intitulavam socialistas ou “em transição ao socialismo” trazem um elemento importante e central para a análise do capitalismo e de um projeto socialista: a natureza das forças produtivas técnicas (de paz e bélicas) e das forças produtivas procriativas. Este último conceito ele resgata do materialismo histórico de Marx e Engels através do livro deste último, *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, e que são as formas reprodutivas dos indivíduos, suas relações reprodutivas sociais, políticas e culturais.

Nesse ponto, deve-se retornar ao conceito citado anteriormente de *subsunção real do consumo pelo capital* e sua proposta de historicização do século XX e do desenvolvimento do capitalismo em geral, num processo onde da *subsunção formal do trabalho ao capital* inicial encontra-se com a base material própria do capitalismo, a maquinaria e a grande indústria, gerando a *subsunção real do trabalho ao capital*, com suas formas distintas de dominação do trabalho e de exploração. E, como seqüência, haverá dois avanços da estrutura sistêmica – avanço do ponto de vista do capital e retrocesso do ponto de vista dos trabalhadores – que será a passagem da *subsunção formal do consumo ao capital* para a *subsunção real do consumo ao capital*, sendo esta consolidada no pós-segunda guerra mundial. Pois, a subsunção do consumo não é algo que se dá numa esfera de circulação ou num momento posterior à produção, mas é uma decorrência da interpretação marxista, que se centra na

explicación del capitalismo en la explotación y su ley de desarrollo: la ley de la tendencia decreciente de la tasa de ganancia. [...] continúa esta explicación de Marx mediante la investigación del modo como el sometimiento de la producción se extiende hasta incluir orgánicamente a la esfera del consumo. (VERAZA, 2012, p. 123).

A *subsunção formal do trabalho ao capital* é um processo que se liga à mais-valia absoluta (seu resultado), e será incluída subordinadamente no processo histórico, por isso não sumirá e estará presente na *subordinação real do trabalho ao capital*, processo que engendra a mais-valia relativa enquanto resultado através do

cuerpo tecnológico [que] fue producido historicamente por el capital industrial a partir de someter la realidad del proceso de trabajo y configurarlo para optimizar su capacidad de producir plusvalor. (VERAZA, 2012, p.187).

Ou seja, o corpo tecnológico, as forças produtivas desenvolvidas nos marcos do industrialismo capitalista não são neutras, mas objetivam um fim específico: a submissão aos ditames do capital do proletariado com vistas à sua exploração enquanto força de trabalho. Isto impõe a impossibilidade de superação, nos marcos do capitalismo, da indústria enquanto base produtiva básica. Mas, além disto: coloca os

limites das ditas experiências socialistas, pois não podiam ir para além dessa base e, assim, da reprodução necessária do capital, ainda que sob novas formas.

Superação do industrialismo e transição ao comunismo

Ao não trabalhar com o conceito de Revolução Científico-Técnica (RCT), Veraza não pôde então estabelecer a necessária ligação entre essa enorme transformação das forças produtivas e como esta cria as possibilidades de superação do industrialismo, a superação da escassez (conceito tratado por Sartre, mas já implícito em Marx), e de reversão dos padrões de exploração e dominação, assim sendo, abrindo o caminho para a abertura da época da transição ao comunismo. A subordinação real do mundo sob o capital mundial de que ele trata, com a subordinação real da população (capital variável) e da riqueza objetiva (capital constante), só se torna possível exatamente no momento em que as condições de superação (as novas forças produtivas possibilitadas pela RCT) se colocam, e por isso trazem exatamente em seqüência a crise econômica mundial. Sua visão da ciência incorpora marcadamente apenas os elementos negativos, fruto da absorção parcial (e que só pode ser assim no capitalismo, pois senão transcenderia ao sistema) da RCT e de sua utilização no aprofundamento dos mecanismos de dominação. Isto o impede de dar a base material da explicação do porquê do dito “socialismo real” não poder ter passado de um simulacro acobertador da natureza capitalista das mesmas.

Essa crítica da neutralidade das forças produtivas sob a égide do capitalismo implica a necessária incorporação do pacifismo, do ecologismo e da crítica da vida cotidiana enquanto momentos inescapáveis da luta pelo socialismo. Veraza os coloca assim, pois o pacifismo é a crítica das forças produtivas técnicas bélicas; o ecologismo é a crítica das forças produtivas técnicas de paz e a crítica do cotidiano é o questionamento teórico e prático do domínio das forças produtivas procriativas pelo capital. Estas últimas se materializam, por exemplo, na crítica que desenvolve sobre valores de uso como o automóvel, que assim também deixam de ser vistos como neutros, sendo analisados como mecanismos de controle e dominação da força de trabalho pela via do consumo. Desta forma,

los valores de uso han sido sometidos a las necesidades de la acumulación del capital [...] no sólo formalmente, es decir, que el consumo humano no queda determinado por el capital sólo en su cantidad y en la forma, sino que la estructura material del valor de uso há quedado determinada de tal manera que responde a las necesidades de la explotación y acumulación de plusvalor (VERAZA, 2012, p.126).

Isto coloca que o problema para o socialismo não é só o regime de produção dos valores de uso, mas também quais os valores de uso são produzidos, pois processo e resultado estão ligados. É preciso traduzir as necessidades reais sociais em uma forma descolada das necessidades do capital. A sociedade precisa de transporte de qualidade, rápido e decente. O capital precisa produzir saídas para esta necessidade que possibilitem sua reprodução permanente, que seu ciclo permaneça, por isso dá como saída o carro. Contudo, esta resposta do capital acaba por se tornar o oposto das necessidades sociais que motivaram sua criação: as ruas entulhadas de carros tornam-se impossíveis de serem transitadas. Ao oferecer sua saída o capital nega na prática uma resposta à necessidade imperiosa da sociedade.

Revolução Científico Técnica

Antes de prosseguirmos com a análise de Veraza, é necessário esclarecer o que se entende por Revolução Científico-Técnica (RCT), pois será fundamental para elucidar as ilações que iremos retirar do pensamento do mexicano, a partir da conjugação de sua proposta de medida geopolítica de capital, casada com o conceito de RCT. Este conceito foi “desenvolvido no Leste Europeu e na União Soviética. Mas ganha sua expressão paradigmática na obra do tcheco Radovan Richta”¹⁰ (MARTINS, 2011, p.114). Esta reflete o “contexto da Primavera de Praga e o ambiente sociopolítico de questionamento das restrições impostas pela burocracia às sociedades socialistas.” (MARTINS, 2011, p.114). Richta e seu então “sistematiza e organiza as postulações de Marx de que o capitalismo era um modo de produção que tinha sua base de forças

¹⁰ Há uma versão em castelhano: Radovan Richta, *La civilización, en la encrucijada*. Obra realizada por el equipo multidisciplinario del Instituto de Filosofía de la Academia de Ciencias de Checoslovaquia. Prólogo de Daniel Lacalle. Madrid: Artiach Editorial, 1972.

produtivas na Revolução Industrial.” (MARTINS, 2011, p.114). Como veremos, idéia que estará na base do conceito de medida geopolítica de capital de Veraza.

A RCT é uma nova era que se

inicia quando a ciência se torna uma força predominante no crescimento econômico. Isso ocorre quando a geração do excedente econômico não encontra mais paralelismo com a expansão da massa de trabalho físico. Desde então, a dinâmica de forças produtivas passa a ser dirigida pela ciência, que se torna seu componente mais importante. O princípio automático substitui o mecânico na direção da produção. (MARTINS, 2011, p.115)

Contudo, esse transbordamento das forças produtivas que querem desaguar na direção do comunismo é represado pelo capitalismo, e esse processo

em sua primeira etapa, permanece restrito à geração do crescimento econômico. Isto é, não afeta estruturalmente as bases organizacionais da sociedade, constituídas pelas relações de produção. Essas permanecem dirigidas pelo capital. (MARTINS, 2011, p.115-116)

Em decorrência disto,

Desenvolve-se um período de profunda decadência do modo de produção capitalista, que dá lugar a profundas tensões sociais. Essa decadência tem seu fundamento no fato de as relações de produção passarem a se apoiar cada vez mais nas relações de propriedade do que nas relações de trabalho. O capital, incapaz de substituir amplamente o trabalho físico por trabalho subjetivo, busca em suas relações de propriedade o instrumento para manter o controle sobre as relações de produção. Cria-se então uma profunda contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, que possuem seu princípio dinâmico nas relações de trabalho. O capital deixa de ser uma força progressista da economia-mundo para se tornar um travão ao seu desenvolvimento. (MARTINS, 2011, p.116)

O resgate da dimensão espacial do capitalismo

O pensamento de Veraza resgata mesmo que sem o perceber uma dimensão na análise do capitalismo enquanto processo espacial, ligada à exploração e ao domínio relacional. Ao afirmar a indústria como a base material específica do capitalismo

desenvolvido carrega uma crítica à concepção que coloca o chamado “capital fictício”, “monetário”, financeiro, como central. Quando se fala em indústria se fala em produção localizada, arraigada num espaço (ainda que interligada produtivamente com outros), contra uma forma de capital desterritorializada, onde apenas o tempo, a rapidez e a aceleração no tempo da realização do lucro importa. A colonização do tempo pelo capital não substitui a colonização do espaço.

É claro que se pode pensar no capital financeiro como uma expansão da produção de lucro no tempo, em paralelo com a expansão da produção industrial no espaço, afinal, tempo e espaço estão imbricados. Isso é também uma crítica à ideologia do próprio capital, que se pensa enquanto produtor apenas de valor abstrato (para o que só o tempo importa), mas que em última instância não pode abstrair da produção do valor de uso em que se corporifica concretamente (e que é fundamentalmente ligada à dimensão espacial). Destarte, a passagem do domínio do capital sobre a produção enquanto valor de troca, que se baseia na subsunção do trabalho (formal e real), à subsunção do consumo (valores de uso), é a realização da subsunção do capital sobre o mundo em suas dimensões espaciais e temporais.

Uma base para pensar a geopolítica do capital

Ressalte-se que é para Veraza a expansão espacial do capital, saindo de sua medida geopolítica continental (européia) para a mundial que engendra a abertura de dois momentos históricos de correlação de força das classes, de tempos, e é nisso que se pode encontrar a teoria do imperialismo própria de Marx e Engels, que já havíamos nos referido anteriormente:

Esta situación de capitalismo completamente desarrollado, completamente maduro, de capitalismo puro en todo el mundo, se vivió análogamente en la Europa de 1848 al darse el agotamiento de la medida continental del capital. En ese momento Europa coincidía con la totalidad del mundo capitalista. La visión de totalidad que caracteriza al método marxista en su dimensión heurística o descubridora de verdades, se posibilitó históricamente en particular porque el capitalismo llegaba a totalizarse espacial, geográfica, prácticamente, a escala continental. El tiempo histórico fue total por un

momento porque el espacio sobre el cual ese tiempo histórico arraigaba quedó integrado (VERAZA, 2012, p. 29).

Desta forma, com Veraza, pode se entender o significado dos trinta anos de crise (1914-1945): é a dor do parto da expansão geopolítica do capital numa medida mundial. Ele desenvolve esta teoria em outro livro *El sentido de la Historia y las medidas geopolíticas de capital (crítica a intérpretes del manifiesto del partido comunista)* (VERAZA, 2013). Há uma expansão sucessiva do capital – que é a expansão do maquinismo – e sucessivas saturações:

Lo primero a considerar es la conformación de la medida geopolítica europeo continental de capital a partir de la Revolución industrial inglesa desencadenada en 1750 y que determina que el capital industrial sobre una base maquinística domine efectivamente en la sociedad inglesa. Y pronto se muestre como potencia hegemónica capitalista europeo continental y virtualmente mundial. La fase inicial del desarrollo de la medida geopolítica europeo continental de capital es el escenario del ejercicio de esta hegemonía, cuyo primer resultado es el ahijamiento de las colonias británicas en el nuevo continente hasta el momento en que llevan a cabo su revolución de independencia, unificándose en una nación burguesa carente de herencias feudales: Estados Unidos. Así pues, la medida geopolítica europeo continental tiene como primer gran producto histórico la emergencia de Estados Unidos como país capitalista independiente en gracia a su revolución de independencia de 1783. (VERAZA, 2013, p.459)

O segundo grande resultado dessa primeira fase é a Revolução Francesa de 1789, “que estalla conforme se desarrolla la fase media de la medida geopolítica europeo continental de capital” (VERAZA, 2013, p.459). Será seguida pela resistência da Santa Aliança contra a Revolução Francesa e, segundo Veraza, contra a hegemonia mundial capitalista da Inglaterra. Esta

medida geopolítica europeo continental se redondea en la Revolución de 1830 que desbanca definitivamente a la Monarquía que se había restaurado entre tanto a partir de 1814, y que tuvo como antecedente — dicha revolución — el estallamiento de la primera crisis económica de sobreproducción en 1825. [...] Así que, en quinto lugar, tenemos como resultado histórico del desarrollo de la medida geopolítica europeo continental de capital la Revolución de 1848, la cual emerge en ocasión de la saturación de dicha medida geopolítica; y cuya contraparte fue,

precisamente, la recuperación inglesa de 1850 que da nacimiento a la medida geopolítica mundial de capital. (VERAZA, 2013, p.460)

Esta medida geopolítica mundial do capital tem então na guerra de 1914-1918 seu momento inicial de saturação, em 1939-1945 sua saturação média, que

tiene por resultado la conformación de Estados Unidos como potencia hegemónica mundial, según dijimos. Mientras que la saturación de la medida geopolítica de capital ya redondeada fue la primera gran crisis mundial del capitalismo en la que sucumbió la política económica keynesiana y nació el neoliberalismo (VERAZA, 2013, p.460)

Cruzando a medida geopolítica do capital e a RCT

Estas mudanças na medida geopolítica significam as dores do crescimento do capitalismo, não as dores de sua morte. A saturação só se completa, enquanto medida geopolítica, com a crise nos anos 70 e 80. Se ele ligasse esta noção de medidas geopolíticas do capital, enquanto limites de desenvolvimento espacial, ao de Revolução Científico Técnica, de limites orgânicos do capital, poderia ter tirado quatro conseqüências necessárias, e que proporemos aqui.

Primeiro, as forças produtivas capitalistas só entram em contradição definitiva com as relações de produção capitalista nos anos 1970. Se esta contradição em nível mundial é necessária para a transição para o socialismo, pois um sistema só pode ser substituído por outro quando deixa de ser progressivo e passa a impedir o desenvolvimento das forças produtivas, isto quer dizer que a transição ao socialismo só se tornou possível a partir dos anos 1970.

Sendo assim, podemos concluir que todas as tentativas anteriores de transição estavam fadadas a se degenerarem em formas capitalistas especiais, *suis generis*. Pois, as bases para o comunismo estão potencialmente em germe na RCT e podem ser resumidas desta forma: a extinção do trabalho material, o deslocamento dos trabalhadores para o planejamento e a substituição pelas máquinas.

O comunismo é, então, não a generalização do mundo do trabalho, mas o fim do trabalho. As experiências ditas socialistas não conseguiam, não podiam, realizar a RCT

até o fim, como o capitalismo, mas tinham amarras ainda maiores, pois sua classe dominante ligava diretamente o domínio do Estado à extração do excedente econômico.

Isto nos leva a nossa última conclusão: democracia e comunismo estão ligados de forma indissolúvel. Isto se for entendida a democracia não na perspectiva elitista e burguesa, mas em seu sentido radical, de participação permanente de todos os indivíduos, pela libertação de todos do sacrifício e massacre do trabalho material. Sem libertação do trabalho estamos no mundo da escassez, onde é necessária a existência de alguém que administre em nosso nome, ou seja, do burocrata. A URSS foi do jeito que foi, não por ter sido sua “revolução traída”, mas porque não poderia ter sido diferente. Ou se dilui a vida na sociabilidade pós-trabalho, a economia na política, ou o futuro da sociedade está perdido. O inconsciente coletivo burguês pressente isso, como ficam claros nos vários filmes que abundam desde os anos 1980 sobre a destruição da sociedade pelo domínio das máquinas. Pode se ler isto como uma metáfora para a revolta do proletariado. Mas, não é esta a melhor leitura: o capital teme um mundo sem proletários, pois sem estes não há capital. Por isso, temem as máquinas, ainda que sejam impulsionados pela competição a implantá-las. Para impedir o fim do trabalho no futuro, terminam com ele agora, de forma controlada: criam o desemprego em massa, afundam o mundo na recessão.

Últimas críticas e comentários

Para encerrar esta análise de forma balanceada não se poderia deixar de apresentar os limites das formulações de Jorge Veraza, pois será pela crítica destes que se poderá realmente avançar nos pontos positivos. O primeiro grande limite é produto de sua imersão na realidade mexicana que age sobre sua psique lhe impedindo de enxergar a decadência da potência hegemônica estadunidense, num momento onde após o NAFTA o México nunca esteve tanto sob a égide de seu vizinho do Norte. Mais do que isso: nas suas formulações os EUA ocupam uma posição geopolítica entre o Pacífico e o Atlântico que torna impossível que outro país possa vir a desempenhar esse papel. Ele eterniza – pelo menos nos marcos do capitalismo – a posição hegemônica dos

EUA, colocando-o enquanto o representante inevitável do capital mundial, sua última e maior expressão.

Mais acima se disse que o melhor do pensamento de Veraza está precisamente em sua contraposição às modas intelectuais, pois então o pior é exatamente o contrário: sua prisão à principal moda intelectual, o revisionismo ontológico. Este é o grande obstáculo epistemológico que o leva a estabelecer uma formulação que abstrai da dimensão temporal, do fazer do seres e da realidade, tornando o desenrolar dos fatos uma realização das essências (uma 'ontologia fundante'). Isto fica claro com o problema do "sujeito histórico". É verdade que o proletariado por sua posição material é a única classe que poderia se conformar como a classe dirigente na transição ao socialismo. Contudo, o material nada mais faz que estabelecer potencialidades, não é a realidade política em si.

Se o proletariado pode vir a ser o sujeito histórico, isso não significa que ele já o seja. Hoje, na conjuntura reacionária mundial que vivemos, o sujeito histórico (enquanto a classe que dirige o fazer atual da história) é a burguesia, e o proletariado seu objeto. Mesmo assim, ele chama em certo momento a burguesia de *pseudosujeito*. Este equívoco relaciona-se diretamente com o problema das revoluções, pois na concretude dos processos o sujeito social pode não ser – como diversas vezes no século XX não o foi – o proletariado. É necessário um processo subjetivo, não para desenvolver um "espírito revolucionário" "próprio do proletariado", mas para criá-lo. A tarefa da construção do sujeito é uma tarefa de criação, e não de revelação de um aspecto ontológico. O marxismo rompe com os profetas, sejam eles profetas espirituais, sejam profetas de um destino manifesto do proletariado mundial.

Esse equívoco ontológico estará na raiz da análise humanista dele, com todas as conseqüências. Isto é o que media o salto das análises de exploração de classes para o domínio do capital sobre a "Humanidade", esse ente abstrato que é tomado como um *a priori* e não como uma possibilidade histórica. A humanidade não está na origem, mas se existir será num futuro comunista, pois o elemento espacial torna e sempre tornou a existência social inevitavelmente fragmentada. Pode-se falar numa espécie humana, pois é de um nível biológico que se trata, mas não enquanto existência social. Isso

culminará na dissolução do conceito de nação, contrário a um conceito de uma humanidade universal indiferenciada.

Essa concepção, que pode na aparência ser extremamente progressiva, na verdade anula os elementos específicos da existência da espécie, entre as quais a existência nacional. A humanidade não existe, existem classes. Se ela vier a existir, será um processo histórico, mas que nunca poderá eliminar a diversidade, inclusive possivelmente a nacional, pois se vive na nação enquanto indivíduo, por mais que haja também uma identidade que transborde esse horizonte. A relação entre o proletariado não é de supranacionalismo, mas de internacionalismo. A superação do nacional só será possível em marcos ainda muito futurísticos, meramente especulativos, onde a vivência se desterritorializará, pelo instantâneo do transporte, pela diluição das distâncias. A nacionalidade, a sensação de pertencimento a uma comunidade específica de língua, de tradições e destinos só perderá sentido quando um indivíduo puder morar em Lisboa, tomar seu café da manhã em Paris, passar o dia em Londres e depois do chá das cinco voltar a sua casa à noite. Enquanto as distâncias contarem, como o próprio Veraza demonstrou que contam, a diluição dos grupos sociais numa Humanidade única está longe, muito longe.

Porém, o mais grave, é sua prisão nessa *ontologia do trabalho*, nessa armadilha que nos colocou uma interpretação equivocada do marxismo, que se prende às obras de um Marx ainda hegeliano, ainda escravo do idealismo. Ainda está preso a essa ideologia do trabalho enquanto constitutiva de uma “natureza humana” – que é “expurgada”, discursivamente apenas, pelo uso mais filosófico do termo *ontologia* – que se tenta dar um caráter dialético – mas que está ainda amarrada à dialética idealista hegeliana da superação, e não é produto da dialética da destruição marxista.

O problema da ontologia é, por um lado, um *obstáculo epistemológico*. Mas, este não é o lado mais grave. Suas conseqüências políticas são as mais nefastas. A concepção do trabalho material enquanto constitutivo da ontologia humana – deixemos de lado o debate que já fizemos sobre o conceito de humanidade – está na base das concepções pequeno-burguesas de generalização do trabalho. Ela é tão descolada da realidade que se gera nos limites exteriores do capitalismo com a RCT, que pode ter sido prevista por Marx ainda em sua fase utópica, quando fala do momento de pescar,

de trabalhar, etc, numa citação famosa e repetida à exaustão pelos defensores da ontologia. Mas, esta concepção pode ser vislumbrada por outros autores, mesmo aqueles que não se pretendem socialistas ou marxistas, como Anton Tchekhov¹¹ (1860-1904), que prevê em 1901, em sua peça *As Três Irmãs*, através da boca do Barão Nikolai Lvovitch Tusenbach:

Protegeram-me sempre contra o trabalho, mas é bem duvidoso que o tenham conseguido para sempre. Bem duvidoso. Porque qualquer coisa de enorme já se pôs em movimento. Já se está preparando uma boa e formidável tempestade que avança, que já está perto, que muito breve vai cair sobre nossa sociedade e vai “varrer” a preguiça, a indiferença, a podridão do tédio, os preconceitos contra o trabalho. Um dia, trabalharei. E dentro de vinte e cinco ou trinta anos, no máximo, cada homem trabalhará. Cada homem! (TCHEKHOV, 1979, p.14)

Não foram precisos tantos anos, mas apenas dezesseis, e sua previsão se realizou com a Revolução Russa... Irina, uma das irmãs, personagens centrais da peça, discursa após ter uma iluminação ontológica repentina

Hoje, quando despertei, tive bruscamente a impressão de que tudo se tornava claro para mim e que eu sabia enfim como se deve viver. Querido Ivan Romanovitch, agora sei tudo. O homem deve trabalhar, trabalhar até a última gota de seu suor... Cada homem, sem exceção. Está nisso o objetivo e o sentido de sua existência, sua felicidade, sua alegria. (TCHEKHOV, 1979, p.12-13)

Ora, este conceito de trabalho como natureza humana leva a que se busque realizar esta natureza, agora supostamente alienada pelo capitalismo, ou seja, generalizar o trabalho. Mesmo não sendo a intenção dos teóricos que hoje trabalham com esse conceito, que são grandes marxistas e militantes socialistas, acaba por ter conseqüências terríveis quando aplicadas à história real. Nem sempre o que cabe no papel é bonito no mundo real, como as guerras religiosas demonstram... Este processo de “desalienação”, começa com a generalização do trabalho em relação à burguesia,

¹¹ Devo agradecer ao grande mestre e professor Gisálio Cerqueira Filho, que nos anos em que me orientou na monitoria na Universidade Federal Fluminense, me abriu os olhos para a utilidade da análise dos textos literários na interpretação do pensamento político, inclusive sobre o próprio Tchekhov. Além disso, devo-lhe também a apresentação ao pensamento psicanalítico em sua aplicação às Ciências Sociais.

que não trabalha no capitalismo, e segue célere em diante contra o intelectual, o estudante. Todos os que não fazem trabalho material se tornam suspeitos, inimigos, degenerados que fogem à natureza humana. O trabalho material passar a ser “reeducativo”, e em seguida vêm os gulags, os campos de reeducação, o Khmer Rouge... Ora, o trabalho material, o trabalho, liberta, *Arbeit macht frei*, como se lia na entrada de Auschwitz. Um Pol Pot poderia criticar Hitler por ter roubado um slogan que não lhe pertencia, não pelo slogan em si.

Palavras finais

Por fim, estes limites não desmerecem, contudo, as várias contribuições conceituais desenvolvidas por Jorge Veraza. Os limites apontados não são no sentido de uma crítica destrutiva, mas de colaborar para, apontando seus pontos débeis e mostrando os fortes, o seu avanço. Espera-se com este artigo que se tenha conseguido minimamente apresentar a um público mais amplo este autor, infelizmente e injustamente ainda desconhecido no Brasil,

Temos certeza de uma coisa: os marxistas contemporâneos, em particular os latino-americanos, devem se ver obrigados a enfrentar a obra desse autor, que aqui teve apenas alguns pontos ressaltados, mas que tem muito mais à contribuir. Mas, não só os marxistas: todos os pesquisadores que querem ir além das aparências e compreender as dinâmicas mais profundas do capitalismo contemporâneo devem ler Veraza. O reencontro com Marx é uma necessidade imperiosa para o enfrentamento da nossa realidade conturbada. Sua atualidade é inegável. E, também é inegável que Jorge Veraza é um dos autores que nos ajudam nesse reencontro.

Bibliografia

AIGNER-FORESTI, L et al. *Antichità classica*. Milano: Jaca Book, 1993.

ARRIGHI, G. *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BUKHARIN, N. *A economia mundial e o imperialismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

ENGELS, F. *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 4ª ed. São Paulo: Centauro, 2012.

HILFERDING, R. *Finance Capital: a study of the latest phase of capitalist development*. 1910. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/hilferding/1910/finkap/>.

HOBSON, J. A. *Imperialism, a study*. 1902. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/hobson/1902/imperialism/>.

KAUSTKY, K. *Ultra-Imperialismo*. 1914. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kautsky/1914/09/11-1.htm>.

LENINE, V. *O Imperialismo, fase superior do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2005.

LUXEMBURGO, R. *La acumulación del capital*. S.l.: Edicions internacionals Sedov, s.d. [original 1913]. Disponível em: <http://grupgerminal.org/?q=system/files/LA+ACUMULACI%C3%93N+DEL+CAPITAL.pdf>

LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social I*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARTINS, C.E. *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOTTA, L.E. *A favor de Althusser: revolução e ruptura na teoria marxista*. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.

RICHTA, R. *La civilización, en la encrucijada*. Obra realizada por el equipo multidisciplinario del Instituto de Filosofía de la Academia de Ciencias de Checoslovaquia. Prólogo de Daniel Lacalle. Madrid: Artiach Editorial, 1972.

RIZZI, B. *A burocratização do mundo (1ªParte)*. Lisboa: Edições Antígona, 1983.

TCHEKHOV, A. As três irmãs. In: _____. *As três irmãs e contos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

VERAZA, J. *El sentido de la Historia y las medidas geopolíticas de capital (crítica a intérpretes del manifiesto del partido comunista)*. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2013.

VERAZA, J. *Del Reencuentro de Marx con América Latina en la época de la degradación civilizatoria mundial*. Caracas: Ministerio del Poder Popular para la Cultura, 2012.